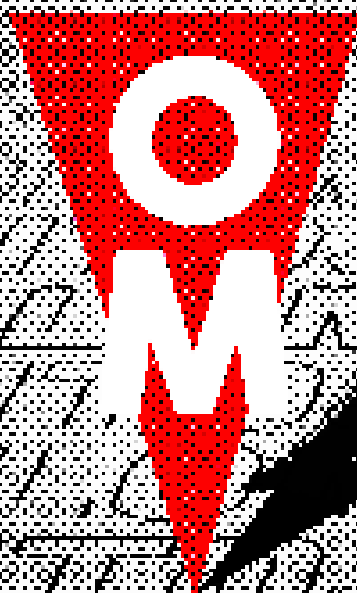


O MOMENTO

DIÁRIO DO POVO



**CALABOUÇO FISCAL E TRIBUTÁRIO,
CONTENDAS POLÍTICAS E DESAFIOS**

PG.2

**A QUEM INTERESSA PERSEGUIR OS
COMUNISTAS?**

PG.4

**INSEGURANÇA NO TRANSPORTE
PÚBLICO DE SALVADOR**

PG.5

**ENTREVISTA DO MOMENTO
MARCELO RIDENTI**

PG.7

**MARCO TEMPORAL: QUEM ESTÁ FINANCIANDO
O GENOCÍDIO E EXPLORAÇÃO INDÍGENA**

PG.10

**ESPAÇO CULTURAL - ESPETÁCULO
OPARÁ: O CANTO DAS ÁGUAS**

PG.11

**VIANINHA E O COMITÊ
CULTURAL DO PCB**

PG.12

CALABOUÇO FISCAL E TRIBUTÁRIO, CONTENDAS POLÍTICAS E DESAFIOS



Foto: Joédson Alves/Agência Brasil

Por Milton Pinheiro

Vivemos um período conjuntural complexo, com intensa presença das ações encetadas pelo governo federal, mas, também com outras intervenções. Esse cenário, ainda marcado por uma cena política não desvelada, tem um conjunto de variantes que passam pela intervenção das forças da extrema direita com sua bizarria nas redes de contágios; pelo papel do parlamento a partir dos interesses burgueses e reacionários; pelos consensos articulados pelo governo Lula e o presidente da Câmara Federal; por projetos de grande interesse popular que foram operados contra os interesses dos trabalhadores, a exemplo da nova regra do teto de gastos e a reforma tributária (calabouços).

Podemos afirmar que essas duas questões se transformaram no seu contrário do ponto de vista das demandas populares. O que é lamentável é o governo Lula agendar um contingente expressivo de recursos para as emendas parlamentares e acenar com uma minirreforma ministerial, começando pelo ministério do turismo, para obter aprovação em pautas tão rebaixadas do ponto de vista do interesse público e social.

A complexidade da conjuntura avança por questões judiciais que envolvem a inelegibilidade de Bolsonaro e a perspectiva de prisão desse agitador fascista; mas, se manifesta também, através do papel de agência da burguesia rentista que é exercido confortavelmente pelo Banco Central; pelo avanço da fome, mesmo com a melhoria de políticas focalizadas de combate a essa epidemia nacional; e pela constante vacilação política do bloco burgo-petista.

Longe do bloco no poder se colocam, ainda sem maior capacidade de intervenção na contradição capital-trabalho, três forças de esquerda que operam lógicas diferentes. Uma que atua em apoio ao governo e termina por ser capturada pelas ações de uma requentada conciliação de classes

(PT, PC do B e parte do PSOL); a segunda que entende a importância da eleição de Lula, mas não se integra na lógica da subalternidade ao governo, desenvolvendo suas ações na perspectiva da autonomia política e de classe, chamando atenção para importantes mediações táticas que são submetidas ao seu projeto estratégico (alguns setores do PSOL e especialmente o PCB); e, por fim, uma esquerda confusa, pautada por um radicalismo pequeno-burguês que não compreende a ordem das contradições (PSTU e congêneres).

Reforçando o eixo da análise, o mapa da conjuntura é constituído pelo governo de união nacional que está sendo pautado pela conciliação, parlamento com ação de conteúdo retrógrado, fisiologismo político, questões judiciais em aberto, demandas populares sem respostas, projetos antipopulares aprovados, graves problemas sociais e uma esquerda sem centralidade no horizonte da independência de classe e na unidade de ação, que termina por não contribuir para com a movimentação do bloco proletário e popular.

Esses dois projetos articulados pelo governo Lula no congresso nacional têm vícios de origem. O primeiro, rearticula a lei do teto de gastos (arcabouço fiscal) e modifica quase nada da lógica determinada pelo Centrão da burguesia quando a lei foi articulada no governo golpista de Temer. O segundo, reforma tributária, simplifica tributos mas não ataca o essencial que seria taxar grandes fortunas, tributar lucros e dividendos, constitucionaliza a lei Kandir que isenta de tributação a exportação de produtos primários (agrícolas, mineração, petróleo, etc), favorecendo o agronegócio, as mineradoras e as empresas petrolíferas privadas que operam no Brasil. Vale ressaltar que a reforma tributária ainda não foi aprovada, apesar do esforço do



governo e do mercado para que isso ocorra.

O sinal acendeu de forma a nos alertar, o dólar caiu e a bolsa subiu, com certeza o povo perdeu...O mais grave dessa ampla cena conjuntural é que não está sendo extraído ensinamentos de um acontecimento explosivo que ocorreu há dez anos atrás e que marcou indelevelmente a história política recente do Brasil, as jornadas de junho.

Há dez anos as massas populares foram para as ruas por saúde, transporte, educação, etc., suas pautas elementares pouco foram ouvidas pelo governo burguês daquela esquerda que se entregou nas ruas, não assumiu o protagonismo para dirigir às massas, se perdeu em contendas menores diante de um vidro de banco estourado na Avenida Paulista. As massas populares foram capturadas por uma sinistra articulação subterrânea que já se organizava há tempos para incidir na cena política com forte componente ideológico.

A extrema direita entrou em cena, criou um guarda-chuva para dizer o porquê das demandas populares não estarem sendo atendidas, levou as reivindicações das ruas para a pauta da corrupção, criou seus símbolos (vestiu-se de verde amarelo, etc.), contou com o robusto apoio da mídia corporativa, encontrou mitos (Bolsonaro, Sérgio Moro, etc.), trouxe para seu lado justiça/polícia/ministério público (partido da ordem), operou uma nova forma de fazer política via as redes de contágio que agregaram milhões de pessoas, aprofundou o ressentimento, desenvolveu o ódio à democracia, desvelou o racismo-machismo-lgbtfobia, clamou por deus e desenvolveu o neopetencostalismo de forma abjeta, chamou a família para proteger o Brasil,

aprofundou o revisionismo histórico negando o caráter ditatorial do golpe de 1964, reinventou que o Brasil estaria marchando para o comunismo, ganhou a narrativa e avançou...

Esse corpo disforme da extrema direita fascista tornou-se forte diante das massas populares desmoteadas. A esquerda da ordem no governo ou em poderosos instrumentos como a CUT e o PT não tiveram forças, nem convicção para operar qualquer resistência. Afinal, em 13 anos de governo do PT as massas populares nunca tinham sido chamadas para agir diante das ameaças. A esquerda fora da ordem não tinha presença de massas para intervir com protagonismo no processo, e aí se estabeleceu uma longa noite de sete anos com o golpe de 2016 e a eleição de Bolsonaro.

Hoje, seis meses depois da posse de Lula, temos um governo que derrotou Bolsonaro, mas não o bolsonarismo. Sabemos que o bolsonarismo só pode ser derrotado pela ação do bloco proletário e popular nas ruas e nas batalhas das lutas de classes. Contudo, as ações desse governo contam na correlação de forças. Um governo que está abrigando os golpistas de 2016 e aliados de Bolsonaro, que reincide em erros, não ajuda no combate aos fascistas de 2013 e aos golpistas de sempre.

As ruas há dez anos davam seu alerta. Hoje, não permitiremos que o erro seja reconstruído. A classe trabalhadora, que sofreu os danos da conciliação de classe, não faltará ao compromisso com a luta. Afinal, as jornadas de junho são um ato político em aberto.



o m o m e n t o b a

Colaboradores desta edição

Guilherme Coronha, Rodrigo Santos, Matheus Almeida e Ricardo Costa

Jornalista responsável

Milton Pinheiro MTB 72.595/SP

Conselho de Redação

Camila Oliver, Milton Pinheiro, Rômulo Caires e João Abreu

Editora

Camila Oliver

Diagramação e Capa

João Abreu

Revisor responsável

Rômulo Caires

Colaboradores de revisão

Matheus Almeida e Caíque Nascimento

Colaboradores de redes digitais

Matheus Moreira, Rafael Requião

contato@omomento.org | www.omomento.org

A QUEM INTERESSA PERSEGUIR OS COMUNISTAS?



Foto: Rafa Neddermeyer/ Agência Brasil

Por Guilherme Corona

Desde o rompimento do PCV com o PSUV, o governo Maduro busca a eliminação do PCV enquanto força política e social na Venezuela.

Apesar do passado popular e de cunho revolucionário que o governo Maduro herdou de Chávez, um social-democrata que contrariava as tendências do seu campo, o governo do PSUV se aproxima continuamente da direita, abrindo o mercado venezuelano para o capital imperialista e rifando os interesses das classes populares e dos povos indígenas da Venezuela em troca da manutenção do seu regime.

É impossível acusar o PCV de se isolar de forma proposital, como tentativa de se aproveitar da debilidade causada pelo bloqueio para ganhar capital político, já que o rompimento foi causado pelo descumprimento reiterado do Acordo Marco Unitário por parte do governo, que continha as condições para manter a aliança e foi assinado pelo próprio Maduro. A razão do rompimento se encontra na má vontade do PSUV para dialogar com o PCV.

A partir desse rompimento, iniciou-se uma nova jornada de lutas para o PCV baseada na construção de um polo popular e revolucionário na política venezuelana, em uma tentativa de romper com o status quo do país e progredir em direção ao socialismo. E é também a partir dele que se desencadeou uma verdadeira caça às bruxas promovida pelo governo, inicialmente violando os direitos políticos do partido e avançando rapidamente para a pura e simples falcatura.

É nesse intuito que o PSUV organiza sua ofensiva, tentando primeiro subornar e comprar militantes do PCV por todo o país, mas sem contar com o compromisso revolucionário destes. Agora, partindo para uma tentativa de roubar o registro eleitoral do partido, simula uma fratura dentro dele por meio de indivíduos que sequer integram suas fi-

leiras, mas que proclamam ao vento, com apoio e financiamento do governo, serem os reabilitadores do mesmo.

Mas mesmo isso não seria possível, uma vez que o PCV é um partido forte, organizado e com verdadeiras bases populares, além de contar com um amplo apoio internacional de outros partidos comunistas e operários. Esse plano desesperado e ridículo só serve para desmoralizar ainda mais o governo, e para demonstrar que a social-democracia venezuelana está muito mais interessada em agradar o imperialismo do que em construir um país soberano, justamente o oposto do discurso oficial.

Os comunistas brasileiros também já enfrentaram a repressão estatal, tendo o PCB passado a maior parte da sua vida na ilegalidade, e sobrevivendo a uma tentativa de liquidação nos anos 90. Mesmo assim nos erguemos vitoriosos e temos confiança que nossos camaradas venezuelanos farão o mesmo, continuando na construção do socialismo no seu país e da América Latina.

Reivindicar o legado chavista, ou o que há de melhor nele, é adotar uma política radical e popular, que confia nas classes populares para decidir seus destinos e enfrenta o imperialismo de forma contundente, não se ajoelhando frente a ele e aceitando as negociações com os EUA. Para construir uma política bolivariana, é imprescindível romper com a social-democracia.

O PCV se aproxima da defesa desse legado revolucionário e popular que representa uma importante força na Venezuela e, por isso, o governo tenta isolá-lo e eliminá-lo. Mas não passarão! O Gallo Rojo não cacareja, canta! Toda solidariedade para nossos camaradas venezuelanos! Por uma política anti-imperialista e revolucionária, viva ao PCV!

INSEGURANÇA NO TRANSPORTE PÚBLICO DE SALVADOR



Foto: Wikimedia Commons

Por Matheus Almeida

O medo de ser vítima de violência nos transportes públicos faz parte da rotina de muitos habitantes de Salvador.

De acordo com dados fornecidos pela polícia civil, até o início do mês de junho de 2023 foram registrados 346 casos de assaltos em coletivos ocorridos na cidade de Salvador. Dados que, apesar das baixas no seu quantitativo em relação ao ano de 2022, que contou com 389 registros, seguem sendo preocupantes e comprovam o quanto a população baiana é alvo da insegurança no transporte público da capital do seu Estado.

O clima de insegurança afeta a todos, afinal, a qualquer momento, quando menos se espera, podemos deixar de ser observadores desses registros para entrarmos nas estatísticas. As táticas que a população utiliza são variadas: não utilizam seus pertences na rua; escondem nos locais que consideram mais se-

guros; outros sequer saem de casa portando seus equipamentos ou acabam adotando o uso do “celular do ladrão” como alternativa para não ficarem incomunicáveis.

Nenhuma tática é suficiente para amenizar o clima de insegurança. Afinal, é necessário aliviar a tensão, se divertir, aproveitar o ambiente onde se está inserido e justamente nesse momento de descontração, - após muita prontidão, cuidado e zelo com seus pertences - que mais um trabalhador baiano torna-se partícipe da estatística. Nesse processo, o indivíduo se culpabiliza, os jornais reforçam sua culpa individual e a polícia o responsabiliza por não “pegar a visão”.

A estatística só aumenta; somente no

mês de junho de 2023, por exemplo, cinco novos casos foram registrados, um no dia 01 de junho e os outros quatro no dia 27.

a) Na manhã do dia 01/06, dezenas de pessoas que estavam em um ônibus que fazia a linha Lapa x Barra, na região do Vale do Canela, foram abordadas por dois homens armados que entraram no veículo, na altura da Ladeira do Campo Grande, próximo ao Vale do Canela, surpreendendo a todos dando voz de assalto. Enquanto os pertencentes dos passageiros estavam sendo roubados, um homem reagiu e acabou sendo baleado quatro vezes e outra pessoa ficou ferida de raspão.

b) Na manhã do dia 27/06 um coletivo que fazia a linha Paripe x Rodoviária passava pela avenida Afrânio Peixoto. Segundo as vítimas da insegurança, o grupo de suspeitos estava em um veículo de passeio e interceptaram o ônibus. Após o assalto, eles fugiram.

c) Outro caso foi registrado no fim de linha do coletivo que faz o trajeto Fazenda Grande do Retiro x Estação Lapa, quando passava pela região da Soledade. Quatro suspeitos desceram de um veículo e anunciaram o assalto.

d) Por volta das 6h da manhã, no bairro do Retiro, outro caso foi registrado. Entretanto, devido à lotação do transporte, os suspeitos não conseguiram passar pela catraca no ônibus da linha Estação BRT Hiper x Pero Vaz, ainda assim roubaram o cobrador do veículo e levaram uma quantia de R\$9, além de um celular.

e) O quinto caso foi registrado no bairro de Fazenda Coutos, em um ônibus que faz a linha Pituba x Fazenda Coutos, mas não há mais informações sobre esse caso.

Se o medo de ser vítima de violência nos transportes públicos faz parte da rotina de muitos habitantes de Salvador, o público feminino é ainda mais vulnerável, sendo exposto a assaltos e ao assédio sexual. Dados de uma pesquisa divulgada pelos institutos Patrícia Galvão e Locomotiva apresentam que o assédio sexual ainda é comum na rotina das mulheres brasileiras. Segundo a pesquisa, 97% das entrevistadas disseram que já foram vítimas de assédio em meios de transporte e 71% conhecem alguma mulher que já sofreu assédio em público. Além disso, aponta que

46% das entrevistadas não se sente confiante para usar meios de transporte sem temerem sofrer assédio sexual.

Os dados são alarmantes e devem preocupar a todos nós por mostrarem que a nossa sociedade tem uma estrutura de patriarcado que estabelece relações assimétricas entre homens e mulheres. Além disso, eles evidenciam o caráter de classes ao submeter a Classe Trabalhadora a um transporte público caro, precário e inseguro.

Referências:

<https://www.bahianoticias.com.br/noticia/280757-dois-onibus-sao-assaltados-em-salvador-no-inicio-da-manha-desta-quinta-feira>

<https://www.trbn.com.br/materia/183558/violencia-a-bordo-passageiros-sao-baleados-durante-assalto-a-onibus>

<https://www.noticiasavera.com.br/populacao-de-salvador-se-queixa-da-inseguranca-nos-transportes-publicos/>

<https://www.correio24horas.com.br/salvador/dois-passageiros-sao-baleados-em-assalto-a-onibus-na-regiao-do-vale-do-canela-0523>

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/06/27/quatro-onibus-do-transporte-publico-de-salvador-sao-assaltados-na-manha-desta-terca-feira-um-suspeito-foi-presos.ghtml>

ENTREVISTA DO MOMENTO

MARCELO RIDENTI



Por Milton Pinheiro

Professor Titular de Sociologia na Unicamp, autor de diversos livros, como os recentes Arrigo (romance histórico, Boitempo, 2023) e O segredo das senhoras americanas – intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria Cultural (ed. Unesp, 2022)

O MOMENTO - Está na pauta do Brasil atual a necessidade de um debate muito sério sobre os resquícios da ditadura de 1964. Como podemos enfrentar essa demanda sócio-histórica diante do crescimento da extrema direita no país?

Marcelo Ridenti: De fato, o debate sobre os resquícios da ditadura é muito importante e atual. Ele já vem sendo travado há anos tanto no ambiente político à esquerda como nas pesquisas acadêmicas. Um desafio é fazer esse debate escapar do confinamento entre intelectuais partidários e acadêmicos para ganhar espaço na vida social mais ampla. Penso que essa dificuldade se deve em grande parte ao fato de antigos apoiadores da ditadura terem participado com peso nos distintos governos, desde Sarney, passando por Collor, Fernando Henrique, depois Lula e Dilma, para não falar em Temer e Bolsonaro, este um herdeiro orgulhoso do “regime militar”. Ou seja, foram feitas distintas alianças políticas para manter a governabilidade desde a volta das administrações civis, sempre com a participação de frações de classe e seus políticos que antes haviam integrado o consórcio dos apoiadores da ditadura.

O debate costuma ser evitado para preservar aliados, e por medo de atçar os militares, que

tacham de revanchista qualquer iniciativa de discutir o tema. A avaliação sempre reiterada é a de que a correlação de forças políticas não permitiria enfrentar o problema do acerto de contas com o passado de arbitrariedades. Claro, o problema é complexo, e a saída mais cômoda é fingir que ele inexistente. Por muitos anos prevaleceu a ilusão de que aquelas poderosas forças que sustentaram a ditadura tinham se convertido em democráticas, a ponto até de se tornarem aliadas. De tanto recuar, subestimar ou ignorar o tema, as forças democráticas – particularmente as de esquerda – abriram espaço para a volta da extrema direita, que agora chega ao cúmulo de tentar reescrever a história, retomando a velha tese de que os militares salvaram a democracia com a “revolução de 1964”.

Não há saída fácil para o desafio, apenas a certeza de que não é adotando a posição de avestruz que ela será encontrada. Um primeiro passo é apurar os fatos e julgar os envolvidos na tentativa frustrada de golpe de janeiro passado, bem como nas barbaridades cometidas durante o governo que findou.

O MOMENTO - Como cientista social você pesquisou aspectos da cultura brasileira no intervalo democrático entre Vargas e a tomada

do poder com golpe burgo-militar de 1964. Qual é a leitura que faz daquele momento histórico?

Marcelo Ridenti: Foi um momento de extraordinário florescimento cultural, marcado pela utopia de aproximar artistas e intelectuais da gente do povo, rompendo com desigualdades e injustiças seculares. Surgiram o Cinema Novo, o teatro épico do Arena, dos Centros Populares de Cultura e outros grupos, criou-se a sigla MPB para designar a canção comprometida com a revolução brasileira, entre outros movimentos. Ganhava atualidade o tema da identidade nacional e política do povo brasileiro, procurando recuperar suas raízes e romper com o subdesenvolvimento. A vontade de transformação tinha primazia, apostava-se na ação para mudar a História e construir o homem novo. Mas o modelo estava no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior. Ele seria o sujeito da revolução brasileira, fosse nacional e democrática ou até mesmo socialista, a depender do ponto de vista. Nas raízes tradicionais do povo estaria a base para superar o subdesenvolvimento e construir naquele momento o país do futuro.

Críticos apontaram vários problemas teóricos e políticos na produção cultural e no pensamento social do período, pois estariam afinados com o chamado “populismo” e seu pacto conciliador de classe entre setores do empresariado nacional e trabalhadores urbanos, aliados no projeto de desenvolvimento com recursos do Estado, pacto que se rompeu com o golpe de 1964. A classe trabalhadora ficava diluída no conjunto pluriclassista de povo. Parece-me que de fato havia um aspecto ideológico, no sentido de mistificação para garantir a continuidade da ordem estabelecida, um pouco reformada para se manter estável. Porém por vezes se esquece que também estava em jogo um aspecto utópico, com potencial para ultrapassar as fronteiras da ordem. Arquitetou-se de diversos modos a utopia de dissolver as desigualdades entre campo e cidade, centro e periferia, brancos e negros, a favela no morro e as classes médias no asfalto de cidades como o Rio de Janeiro. Segundo o poeta Ferreira Gullar, referindo-se em 1967 ao romance Quarup, de Antonio Callado, “a realização pessoal deságua no coletivo. Não se trata de apagar-se na massa, mas de entender que seu destino está ligado a ela”. Esse sentido de confluência do individual com o coletivo em busca da revolução brasileira foi a marca da época, que a faz memorável.

O MOMENTO - Temos como identificar através da memória e da história a presença dos comunistas na cultura brasileira?

Marcelo Ridenti: Não se entende a cultura

brasileira sem a presença dos comunistas, pelo menos dos anos 1930 aos 1970. Estavam presentes e organizados com peso próprio no pensamento social, no jornalismo, na literatura, no teatro, no cinema, nas artes plásticas, enfim, em toda a vida e produção cultural. Isso por vezes fica à sombra, não só no Brasil. Quem visita os museus nas casas onde Pablo Neruda morou no Chile fica com uma pálida ideia do que o comunismo significou em sua vida, e do que o poeta representou no movimento comunista.

Militantes escreveram vários livros de memória, e autores têm realizado obras de História e Ciências Sociais na contramão desse esquecimento que tem a ver com a hegemonia capitalista avassaladora hoje estabelecida nas sociedades produtoras de mercadorias, além da perda daquele sentimento de realização no coletivo mencionada por Ferreira Gullar.

O MOMENTO - Existe um fio condutor entre cultura e democracia no Brasil?

Marcelo Ridenti: Algumas das melhores obras de arte foram produzidas em diálogo implícito ou explícito com a questão democrática no Brasil, até mesmo em contextos duros durante a repressão de governos autoritários como os de Arthur Bernardes, Getúlio Vargas, a ditadura militar e a experiência recente da administração federal de extrema direita. O mundo da cultura tentou sobreviver e resistir, não raro envolvendo negociação e compromisso com o próprio Estado. É conhecida, por exemplo, a participação de artistas no Ministério da Educação conduzido por Gustavo Capanema durante o Estado Novo. Mas o momento cultural mais pleno até agora provavelmente ocorreu do fim dos anos 1950 ao começo dos 1960, envolvendo o avanço da democracia no Brasil, com desdobramentos ainda depois do golpe militar, até o fechamento total da ditadura com o Ato Institucional n. 5 de dezembro de 1968. Depois dele, sem contar a censura e a repressão, a indústria cultural viria a se estabelecer plenamente, até mesmo empregando muita gente de esquerda, que não deixaria de constituir também um mercado lucrativo de bens culturais. Mesmo a retomada democrática se faz sob o domínio da produção cultural mercantil de massa, com nichos de mercado até para a contestação.

O MOMENTO - A ditadura que durou 21 anos impediu o desenvolvimento de uma cultura nacional e popular no Brasil?

Marcelo Ridenti: Um aspecto notável no desenvolvimento da indústria cultural brasileira – de que a Rede Globo tem sido a principal protagonista



a partir do fim dos anos 1960 – é que ela usou a experiência crítica anterior para criar uma espécie de nacional-popular de mercado, até mesmo empregando artistas comunistas. Por exemplo, conforme comento no livro *O fantasma da revolução brasileira* (2ª. ed., Unesp, 2010), a letra do samba-enredo para a propaganda da cobertura da TV Globo no Carnaval de 1989 exaltava as qualidades “populares” e “nacionais” da Rede Globo na voz de Jameção da Mangueira. Terminava com a frase lapidar: “a Globo é sabedoria popular”. Afinal, ao produzir telenovelas e outros programas nacionais com nível de qualidade para exportação, empregando artistas brasileiros, ela era campeã de audiência popular, levando aos lares obras que tomavam o lugar dos programas importados dos Estados Unidos. E exibiria com pompa e destaque o desfile das escolas de samba cariocas no carnaval, ponto máximo de expressão do povo e da nação brasileira. Claro, é uma apropriação distorcida do nacional-popular revolucionário do começo dos anos 1960. Mas assim funciona a hegemonia, incorporando à ordem os desafios contra-hegemônicos.

O MOMENTO - Como identificar a contribuição histórica do PCB para a cultura nacional e popular na sua longa existência?

Marcelo Ridenti: Um meio é conhecer obras que artistas comunistas produziram, como os escritores Jorge Amado e Graciliano Ramos, arquitetos do quilate de Oscar Niemeyer, pintores a exemplo de Portinari e Carlos Scliar, cineastas como Alex Viany e Leon Hirszman, dramaturgos da qualidade de Dias Gomes e Gianfrancesco Guarnieri, músicos de Mário Lago a Carlos Lyra, e uma infinidade de outros.

Também se pode aferir a contribuição comunista para formar campos intelectuais e artísticos: Caio Prado Jr esteve envolvido no projeto de criação da Fapesp, cineastas comunistas atuaram em congressos fundamentais para organizar a indústria cinematográfica nos anos 1950. O Teatro Paulista do Estudante, uma iniciativa de jovens comunistas, foi a base para formar o Teatro de Arena que revolucionou a dramaturgia brasileira, sem contar a presença no CPC da UNE, na Associação Brasileira dos Escritores, nos clubes da Gravura, no meio dos arquitetos, e ainda em células nas rádios Nacional, Tupi e outras, e posteriormente na Rede Globo, embora cada vez mais absorvidos pela lógica da indústria cultural.

Ou seja, o Partido teve papel fundamental para organizar artistas e intelectuais. Isso ajuda a entender a atração exercida sobre eles mesmo no momento mais autoritário internamente e estreito do ponto de vista de formulação estética, na era do

chamado zdanovismo no começo dos anos 1950, como tentei demonstrar em capítulos dos meus livros *Brasilidade revolucionária* (2010) e *O segredo das senhoras americanas* (2022), ambos editados pela editora Unesp. Segundo o poeta Rossini Caramargo Guarnieri, o Partido daquele tempo envolvia “a inteligência a serviço da burrice organizada”. Sem entrar no mérito da questão da “burrice”, a frase sarcástica traz a palavra-chave “organizada”, que ajuda a entender a militância de artistas e intelectuais. A organização no partido foi vital para a afirmação e o reconhecimento de muitos artistas e intelectuais.

O MOMENTO - Você publicou uma obra de ficção (romance) tendo como cenário momentos importantes da vida política. Como entender essa nova produção no arcabouço do seu projeto intelectual?

Marcelo Ridenti: O romance tem por título o nome do protagonista: Arrigo (Boitempo, 2023). Trata-se um militante com mais de cem anos que foi do Partido Comunista na maior parte do tempo e atuou politicamente desde menino a partir da greve de 1917 em São Paulo, depois lutando contra os governos autoritários de Bernardes, Vargas e da ditadura militar. Teve passagens no exílio, onde pegou em armas na Guerra Civil espanhola e na resistência ao nazifascismo na França. Ao escrever sobre Arrigo e seus companheiros, que lutaram, amaram, foram presos e torturados – alguns mataram e foram mortos –, tentei fazer uma síntese existencial da história da esquerda, em especial a brasileira.

A passagem do tempo e dos acontecimentos pode ser tratada de modo objetivo pela História e pelas Ciências Sociais, como venho tentando fazer em minha obra acadêmica. Pode ser analisada também de modo subjetivo pela construção da memória. E ainda de um prisma sensível, em busca de beleza, pelas artes. A ficção – no caso, a literária – permite a liberdade de trabalhar com o tempo e os fatos enlaçando esses três planos, história, memória e arte, que podem ser articulados das mais diversas formas, o que dá ao autor uma sensação de liberdade criativa que eu nunca imaginara. É sabido que Marx e Engels afirmavam que ler Balzac seria mais valioso que muitos tratados para compreender a sociedade francesa. Pode-se dizer o mesmo, por exemplo, de Machado de Assis para entender a sociedade brasileira de seu tempo. Claro que não tenho a pretensão de me equiparar a nenhum desses mestres, mas fui seduzido pelo desafio de articular pela ficção, a meu modo, esses três elementos, e assim expressar criativamente as experiências que vivi, testemunhei ou estudei.

MARCO TEMPORAL: QUEM ESTÁ FINANCIANDO O GENOCÍDIO E EXPLORAÇÃO INDÍGENA



Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Por Rodrigo Santos

Um dos principais temas discutidos pelo STF, e tem sido uma das principais lutas dos povos originários, é o marco temporal, mas do que se trata e quem está por trás disso?

O marco temporal é uma tese jurídica de que os povos indígenas têm direito apenas às terras que ocupavam na época da promulgação da constituição de 88, desmerecendo toda e qualquer luta dos povos originários brasileiros, bem como sua história, promovendo sobretudo o avanço de mineradoras e do agronegócio sobre as terras indígenas, inclusive dificultando o retorno dos povos indígenas que foram expulsos da sua terra durante a década de 60, como é o caso do povo Ikpeng, o qual não podem retornar a sua terra de origem, pois os estudos da FUNAI estão paralisados por uma ação sindicato dos produtores rurais de Paranatinga.

Podemos dizer que está por trás em todas as ações e projetos de lei que detém o marco temporal é o agronegócio, o avanço do agro, sobretudo em terras indígenas é extremamente preocupante, além de ser ter sido de uma forma extremamente violenta no governo liberal-fascista de Jair Bolsonaro. O governo reformista de Lula permite uma falsa conciliação entre vidas indígenas e lucro do agronegócio, não coincidentemente o atual ministro de agricultura e pecuária do governo

Lula, Carlos Fávaro, é um dos principais defensores das teses dentro do poder executivo, sinalizando inúmeras vezes aceno favorável ao avanço do agro em terras originárias.

Cabe salientar que o *lobby* do marco temporal tem atuado de forma agressiva dentro do congresso nacional, distribuindo cartilhas de como deputados devem argumentar em defesa de tal projeto/ tese sendo os principais “proporcionar segurança jurídica em relação ao direito de propriedade e evitar conflitos para todos os envolvidos nas demarcações de terras indígenas”, o que inclusive chega ser irônico, visto que o agro é um dos principais autores da violência e massacre contra os povos indígenas.

Podemos dizer que o marco temporal é a principal forma de legalizar o massacre étnico-cultural contra os povos indígenas brasileiro, afastando o que são deles bem antes da colonização, ignorando toda a luta indígena pela terra que ocorreu no Brasil. Precarizando também a reforma agrária, o marco temporal representa um enorme retrocesso no que se tem discutido em prol de nossos povos originários, mostrando como a burguesia tem como apreço somente o lucro, e como o aparato jurídico burguês está a todo vapor para defender o capital.

ESPAÇO CULTURAL

ESPETÁCULO OPARÁ: O CANTO DAS ÁGUAS



Por Matheus Almeida

Em 1º de junho de 2023, das 15h às 16h30min no Auditório Jurandyr Oliveira (Campus I da UNEB), em Salvador, ocorreu o espetáculo Opará: O Canto das Águas. Projeto do Coro Oyá Igbalé, o repertório contemplou cantigas do Candomblé das Nações Angola, Ketu, Jeje, Ijexá e músicas da MPB que carregam os emblemas do Orixá Oxum. O evento foi voltado à comunidade acadêmica e externa da UNEB. A entrada foi franca, possibilitando um amplo acesso e divulgação da cultura de matriz africana para os (as) interessados (as) na temática. O show celebrou o aniversário de 40 anos da UNEB, instituição fundada em 1º de junho de 1983.

Fui formalmente convidado a acompanhar e participar das atividades enquanto ouvinte e apoiador do projeto, na condição de atual coordenador do Centro Acadêmico de Filosofia da UNEB, organização representativa e popular dos Estudantes do Curso de licenciatura em Filosofia da UNEB, a partir dos vínculos estabelecidos entre as partes.

O Coro Oyá Igbalé consiste em um projeto acadêmico de música sacra de matriz afro-brasileira que propõe a interdisciplinariedade entre a pesquisa e a extensão, em uma ação engajada politicamente no campo da arte, executando um importante papel de ter no seu corpo de membros cantoras voluntárias (mulheres) de diferentes cursos da UNEB e de fora da UNEB! A iniciativa

é coordenada pela professora Julice Oliveira do departamento de Educação do Campus I (DEDC-I) e membro do Colegiado de Filosofia da UNEB.

O coro se estrutura enquanto projeto de resistência política e de ocupação dos espaço acadêmicos a partir da difusão e da popularização da música sacra afro-brasileira; democratização do acesso à cultura; fomento à inclusão da população negra e das comunidades de matriz afro-brasileira no espaço da Universidade Pública por meio de uma ação cultural; defesa da liberdade de expressão e combate ao racismo cultural.

O trabalho e a estrutura consequentes do coro resultaram no belíssimo espetáculo Opará: o Canto das Águas, que aglutinou dentro do DEDC-I um público variado de pessoas interessadas e apaixonadas pela cultura afro-brasileira!

Referências:

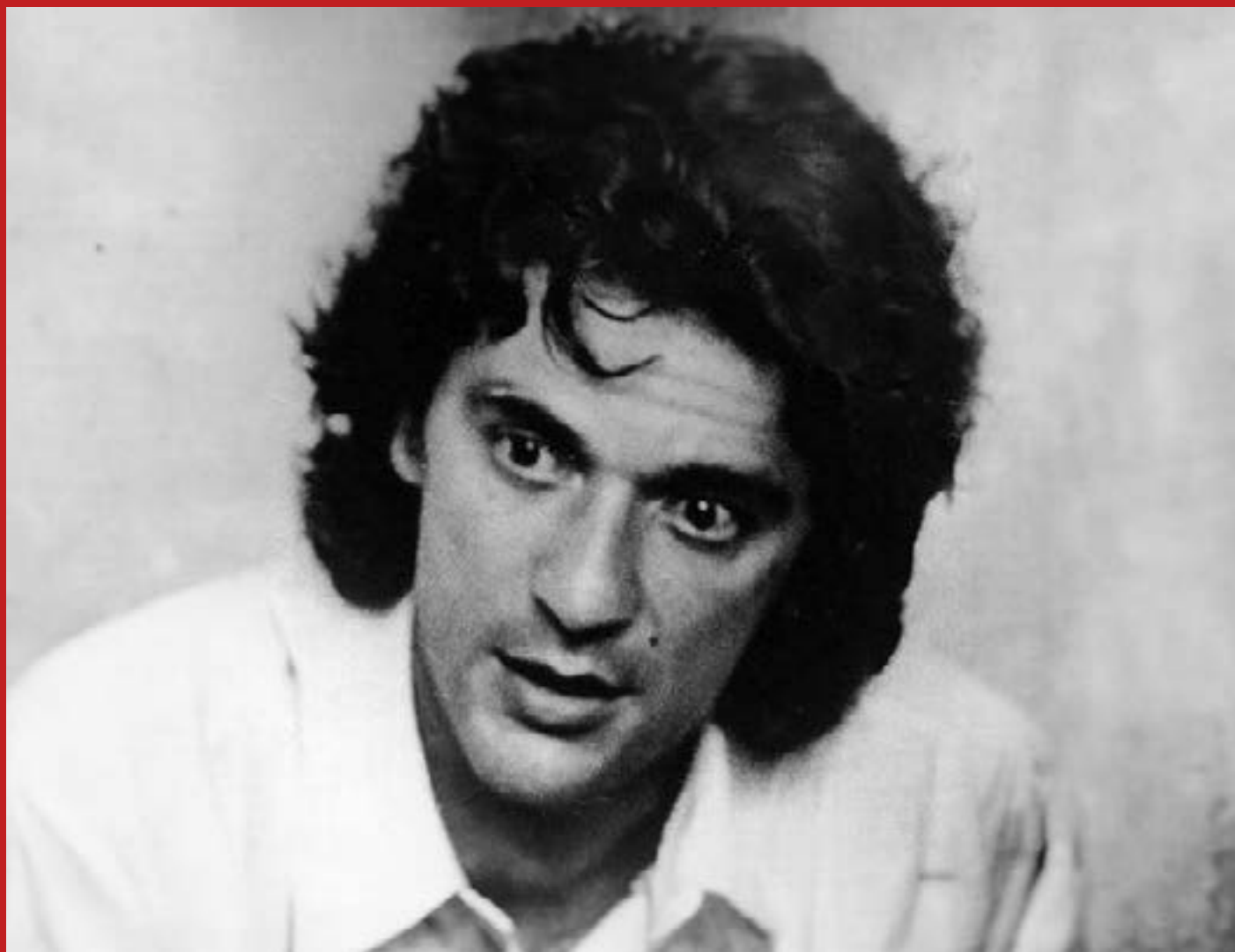
https://www.facebook.com/corooyauneb/?locale=pt_BR

<https://www.instagram.com/corooyauneb/>

<https://agenciadecomunicacao.uneb.br/projeto-da-uneb-coro-oya-igbale-seleciona-cantoras-e-percussionistas-voluntarios/>

<https://portalsoteropreta.com.br/coro-oya-igbale-apresenta-espetaculo-opara-o-canto-das-aguas/>

VIANINHA E O COMITÊ CULTURAL DO PCB



Ricardo Costa (Rico) – Secretário de Comunicação do PCB

Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, nasceu no Rio de Janeiro, em 1936, e foi um dos principais nomes da dramaturgia brasileira, apesar de ter morrido muito jovem, em 16 de julho de 1974, aos 38 anos, de câncer. Militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi dramaturgo, ator, roteirista de TV e influente ativista do mundo da cultura. Vianinha nasceu, cresceu, formou-se e tornou-se adulto em uma família de militantes comunistas, como eram seus pais, o dramaturgo Oduvaldo Vianna e Deocélia Vianna.

Foi destacado integrante do Comitê Cultural do PCB, que atuou no interior do mais importante aparelho privado de hegemonia diretamente influenciado pelo Partido no período, o CPC da UNE, cuja luta por uma cultura nacional-popular casava-se com a estratégia da revolução nacional democrática. Do CPC fizeram parte nomes que, mais tarde, despontariam como figuras de grande expressão na cultura brasileira: além de

Oduvaldo Vianna Filho, Ferreira Gullar, Gianfrancesco Guarnieri, Paulo Pontes, Arnaldo Jabor, Carlos Diegues, Carlos Nélon Coutinho, Leon Hirszman, Carlos Estevam Martins, José Carlos Capinam, dentre os quais Vianinha destacava-se como “a grande cabeça” ou “a alma” dos movimentos liderados pelo CPC, conforme depoimentos daqueles que com ele conviveram.

Vianinha foi também um dos líderes do Teatro de Arena de São Paulo, criado em 1953 com o intuito de propor uma renovação e a nacionalização dos espetáculos teatrais, tendo assumido, no início da década de 1960, com Augusto Boal, Guarnieri e Vianinha, uma perspectiva cada vez mais crítica e revolucionária. Vianinha estudou arquitetura até o terceiro ano e depois abandonou o curso para se dedicar ao teatro. Começou em 1955, no Teatro Paulista do Estudante, atuando em vários espetáculos. Preocupado em criar uma dramaturgia vinculada aos problemas

MEMÓRIA

nacionais, promoveu o Seminário de Dramaturgia, visando a descoberta de novos talentos e a criação de textos vinculados à realidade brasileira.

Vianinha: um guerreiro da cultura

Nenhum outro autor teatral brasileiro recebeu tantos prêmios por suas peças, a maioria das quais proibida pela ditadura, dentre elas a obra-prima *Rasga Coração*, que é dedicada por ele “à velha guarda comunista”, como uma homenagem pelas lições de coragem e combatividade em defesa das liberdades democráticas e do socialismo. Visando levar a arte diretamente à população, criou um elenco para percorrer, com sua peça *A Mais Valia Vai Acabar Seu Edgar*, escolas, favelas, sindicatos da cidade e do campo e organizações de bairro.

Em sua trajetória de artista do povo ganhou vários prêmios nacionais e internacionais, como Quartos Quadras de Terra, que recebeu o primeiro prêmio latino-americano da Casa das Américas, em Havana. Ganhou dois Moliéres, com as peças *Se Correr o Bicho Pega*, *Se Ficar o Bicho Come* e *A Longa Noite de Cristal*, além de outros prêmios em São Paulo e do Serviço Nacional de Dramaturgia. Vianinha também atuou no cinema, em *Cinco Vezes Favela*, de Cacá Diegues, e fez teledramas de agitação e teleteatro para uma comunicação rápida e direta com o público.

Em 1973 foi para a TV Globo, onde escreveu, em parceria com outros dois dramaturgos e militantes do PCB, Paulo Pontes e Armando Costa, o premiadíssimo seriado *A Grande Família*. Com rara habilidade para driblar as censuras policial e empresarial, essa comédia de costumes, protagonizada por uma família de classe média remediada, expunha as dificuldades enfrentadas pela população durante os anos de chumbo. Vianinha conseguiu atrair audiência de massa com um seriado que sutilmente criticava a política econômica antissocial vigente, bem como a mentalidade reacionária e repressiva do regime militar.

Mesmo assim, por suas posições políticas, foi duramente censurado pelo regime militar. A maior parte de suas obras não puderam ser exibidas a partir de 1964 porque estavam proibidas pela censura. Vianinha morreu aos 38 anos sem ver encenadas suas duas obras primas: *Papa Highirte*, escrita em 1968 e só montada onze anos depois, e a clássica *Rasga Coração*, cujos últimos diálogos foram ditados no leito da morte, e também só encenada muitos anos depois.

Como afirmou o escritor Dênis de Moraes, autor

do livro *Vianinha, Cúmplice da Paixão*, a definitiva biografia de Oduvaldo Viana Filho:

“Vianinha, em apenas 38 anos, viveu pelos menos 100, tamanha a intensidade de seu envolvimento com suas crenças e com a exigência crucial de tentar transpô-las para fora de si, através do teatro e da arte, o que implicou um esforço descomunal para superar as contingências cotidianas e as barreiras impostas pelas circunstâncias dos contextos em que viveu, sobretudo durante a ditadura militar. Esse esforço o tornou um homem múltiplo e mesmo multimídia (fez teatro, televisão, cinema, jornalismo, teoria crítica da cultura), ao mesmo tempo em que era um militante comunista em tempo integral, no setor cultural. Tudo confluía para o ponto chave: fazer política, lutar sem trégua pelas causas democráticas, socialistas e humanistas, explorando todos os espaços possíveis na batalha das ideias.”

Fontes:

<https://fdinarcoveis.org.br/2013/09/23/vianinha-um-guerreiro-da-cultura/#more-525>

<https://fdinarcoveis.org.br/2012/07/04/muito-mais-que-a-grande-familia/>

<https://pcb.org.br/portal2/6464>

COSTA, Ricardo – *Descaminhos da Revolução Brasileira: o PCB e a construção da estratégia nacional-democrática (1958-1964)*, disponível em https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2005_Ricardo_da_Gama_Rosa_Costa-S.pdf

RIDENTI, Marcelo – *Em Busca do Povo Brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2000